**SBPI- Sociedade Brasileira de Psicanalise Integrativa**

**A pós-modernidade e a reinvenção**

**- a sociedade, o indivíduo, a clínica -**

**Rio de Janeiro**

**2019**

**SBPI- Sociedade Brasileira de Psicanalise Integrativa**

**A pós-modernidade e a reinvenção**

**- a sociedade, o indivíduo, a clínica -**

**Rio de Janeiro**

**2019**

***Dedico este* *trabalho a todos aqueles que acreditam que a cura pode ser feita pela palavra e pelo afeto.***

***Mônica Barg***

**A pós-modernidade e a reinvenção**

**- a sociedade, o indivíduo, a clínica -**

**Introdução**

 *As pessoas temem se ver deslocadas, marginalizadas ou subutilizadas. O modelo institucional do futuro não lhes oferece uma narrativa de vida no trabalho (Sesnett, 2006)*

A contemporaneidade apresenta desafios significativos ao indivíduo e ao psicanalista no que se refere à estruturação psíquica refletida em novos modelos sociais, novas formações familiares, relacionamentos temporários, novas profissões e papéis sociais diversos. Estamos à frente de mudanças muito rápidas e nunca pensadas pelo indivíduo.

Há nos pacientes psicanalíticos uma extrema angústia por não terem modelos a seguir ou por seguirem modelos não mais válidos para o mundo atual. Há um descolamento da educação para a atuação, do saber para o fazer, ocasionando uma não compreensão de si e uma necessidade contínua de reinvenção.

A partir da observação do livro *O mal-estar da civilização*, publicado por Sigmund Freud em 1930, foi-se buscar entre os pensadores da atualidade as reflexões sobre esta época de mudanças e como esta se reflete em diversos aspectos. Com destaque para os textos observados de Zygmunt Bauman em *O retorno do pêndulo* (2017) e *44 cartas ao mundo líquido* (2011), a obra 21 *lições para o século XXI* (2018), de Yuval Noah Harari, além de outras pequenas referências indicativas apontadas na bibliografia.

Com base na leitura dos textos de forma comparativa ou análoga, há uma reflexão a respeito do momento atual e futuro e de como a sociedade e o indivíduo devem se reinventar buscando um novo posicionamento nesse contexto em que não há modelos a seguir. A clínica hoje é o resultado desse contexto e dessa busca e necessita também de reinvenção, seja esta na atuação psicanalítica, seja no entendimento do paciente, seja na preparação e posicionamento do psicanalista.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre essa reinvenção e aquilo que se faz necessário para lidar com esse contexto na sociedade, na vida e na clínica. Há uma certa perplexidade dos indivíduos diante da necessidade de mudança. Estes parecem não acreditar que a forma como sempre conduziram suas vidas pessoais e profissionais pode não “servir” mais. Diante dessa perplexidade, parecem nem entender como esse contexto lhes afeta, e muitos procuram a análise em um momento já de profundo desgaste de alternativas e grande sofrimento. Permanecem ainda por muito tempo na atitude de fazer aquilo que “sempre deu certo”.

Há assim uma necessidade de adequação que requer um novo “*mindset”*, uma nova forma de pensar, novos paradigmas e um olhar para essas angústias da atualidade de forma a estabelecer uma nova narrativa reinventada.

As mudanças atingem a todos independentemente de faixas etárias. Afinal, há uma mudança social que se reflete na educação. No entanto, pode-se destacar o grupo de indivíduos entre 40 e 60 anos que estão em fase produtiva, construindo a carreira, patrimônio e educando filhos ou se encontram em uma fase posterior em que já traçaram suas carreiras e famílias e “descobrem” que ainda terão 25 a 30 anos de vida e devem permanecer ativos social e profissionalmente, fenômeno conquistado na longevidade desta geração.

Essa faixa etária perdeu as referências de modelos profissionais e familiares, foi educada para um mundo que não existe mais e invadida por novas tecnologias inseridas no dia a dia. Assim, diariamente, são necessários novos aprendizados, novas avaliações. É preciso revisitar valores que já não servem para educar filhos e conduzir relacionamentos. Há que se lidar com questões nunca antes apresentadas na vida. São indivíduos com as identidades em obsolescência.

Nesse sentido, faz-se necessário uma reinvenção pessoal, seja para entendimento do contexto familiar e profissional, seja para atuação em ambientes que requerem novos olhares e trazem novas organizações sociais. “Reinventar-se não quer dizer descartar sua identidade, e sim usá-la de modo adequado ao ambiente em mudança. É uma nova narrativa” (Elliott, Lemert 2006).

O artigo “The New Individualism” (Elliot, Lemert 2006) relata que “a nova economia causou mudanças em enorme magnitude que sujeitam as pessoas às pressões internas para que acompanhem a velocidade das transformações sociais. Empregos seguros desaparecem do dia para a noite. Homens e mulheres lutam freneticamente para conquistar novas capacitações ou serão descartados”.

Esse cenário é o estabelecido no mundo, trata-se de uma questão global. Porém, evidentemente em economias em crise ou em desenvolvimento, muitos desses contextos se potencializam, seja pela falta de recursos para buscar ajuda, seja simplesmente porque há inúmeras outras questões a resolver. Vê-se ainda que países menos desenvolvidos, ocupados com a sobrevivência do hoje, não estão se preparando para as mudanças significativas que estão por vir. Como diz Harari (2018), “governos terão de intervir, tanto no subsídio a um setor de educação vitalício quanto na garantia de uma rede de proteção para os inevitáveis períodos de transição”.

Este é o mundo que Bauman chama de “líquido”. É a época da modernidade líquida em que não há vínculos, não há perenidade nas relações. “Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. (…) Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (…) Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’ (…) Essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase (…) na história da modernidade” (Bauman,2000).

Estamos na chamada pós-modernidade, na era digital, na pós-verdade, na economia 4.0. Complementa Bauman: “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. E, se nada é para durar, podemos simplesmente descartar aquilo ou quem não nos interessa e, diante da velocidade atual, perdemos rapidamente o interesse por algo ou por alguém.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, postula que, em geral, o ego se percebe com a manutenção de linhas nítidas e claras de demarcação com o mundo exterior. Essa distinção entre interior e exterior é uma parte crucial do processo de desenvolvimento psicológico, permitindo ao ego reconhecer uma realidade separada de si mesmo. Assim, o que é líquido e fluido não possui linhas nítidas e claras de demarcação – o inferior e exterior se misturam e o desenvolvimento psicólogo para perceber a realidade há que ser revisto.

Esse contexto traz reflexões sobre o papel da psicanálise e da clínica. Como se preparar para esses conflitos do indivíduo em adaptação? Esse indivíduo que na sua angústia recorre a todo tipo de alternativa, sejam terapêuticas, medicinais ou compulsivas. Richard Sesnett relata, em seu livro *A cultura do novo*, as consequências emocionais dessas mudanças. “As pessoas temem se ver deslocadas, marginalizadas ou subutilizadas. O modelo institucional do futuro não lhes oferece uma narrativa de vida no trabalho ou uma promessa de grande segurança no ramo público.”

Há assim uma necessidade de que a clínica e os profissionais se preparem para esse contexto, reconhecendo esse paciente com novos conteúdos e buscando na sua escuta caminhos para uma clínica com espaço para o novo sem que haja empobrecimento do recurso psicanalítico. Há uma necessidade de escuta diferenciada para não minimizar a importância e as consequências desse momento. A velocidade das mudanças reforça ainda a falta de tempo que o indivíduo tem para si mesmo e para reflexão. Tal correria poderia caracterizar-se como a fuga de si mesmo e da sua angústia em lidar com algo que não entende.

É nesse contexto de pressa, urgência e reconhecimento de novas trajetórias possíveis que nos encontramos. A sociedade, o indivíduo e a clínica em processo de reinvenção.

 **Palavras Chaves:**

Reinvenção, Psicanálise, Mudança, Pós-modernidade, Clínica Psicanalítica

**A Sociedade e a Reinvenção**

*Num mundo inundado de informações irrelevantes,*

*clareza é poder. (Yuval Harari, 2018)*

Freud, na sua obra *O mal-estar na civilização* (1930), analisou um contexto sociocultural que não existe mais atualmente. Há um novo cenário social. Estamos vivendo a chamada pós-modernidade, como é denominada a atualidade por alguns autores. A obra *O mal-estar na pós-modernidade* (1988), de Zygmunt Bauman, estabelece um diálogo com o texto de Freud e faz uma reflexão sobre as ansiedades modernas, situando-se na sociedade dita pós-moderna, denominada por Bauman de “modernidade líquida”, ou seja, aquela em que não há vínculos sólidos. Na sociedade líquida, tudo é fugaz, passageiro e passível de mudança, sendo esse o cenário social para o trabalho, famílias, relacionamentos e para o indivíduo.

Para Freud (1930), a relação do homem com a civilização exigia moderação e renúncia para regular a vida comum, gerando assim o efeito mal-estar. Já Bauman considera que na atualidade estamos em busca da satisfação e não da renúncia, e nessa busca por satisfação consumimos e somos consumidos. Para Bauman (2017), a marca desta sociedade é o desejo de liberdade, que podemos entender como o oposto da segurança, projetada em torno de uma vida social estável, ou da ordem, como pensou Freud.

Na atualidade, Bauman (2017) relata o conflito entre liberdade e segurança aliando a imagem de um pêndulo, no qual onde o homem oscila entre esses dois valores difíceis de conciliar: *“*Para ter mais segurança é preciso renunciar a certa liberdade, se você quer mais liberdade tem que renunciar à segurança. Esse dilema vai continuar para sempre”.

O consumo e a exigência de satisfação imediata estabelecem novos comportamentos evidentes na sociedade contemporânea. “Uma nova modernidade nasceu: ela coincide com a ‘civilização do desejo’ que foi construída ao longo da segunda metade do século XX. Essa revolução é inseparável das novas orientações do capitalismo, posto no caminho da estimulação perpétua da demanda, da mercantilização e da multiplicação indefinida de necessidades” (Lipovetsky, 2008).

A lógica capitalista conseguiu concentrar em objetos de desejo universais a promessa de satisfação. Como exemplo, temos os modelos de aparelhos de celular que se sucedem, sendo o próximo o objeto de maior desejo. O mercado hoje já trabalha com o conceito de obsolescência planejada, que é a redução da vida útil de um produto para aumentar o consumo das versões mais recentes. O que vemos é uma sucessão de objetos descartáveis, sendo os indivíduos de certa forma descartáveis também.

Há uma retroalimentação mercado-sujeito em que cada objeto novo se torna rapidamente obsoleto e o desejo se renova em busca do novo, daquele que ainda virá, pois este já deixou de satisfazer. Em uma analogia livre, os novos objetos de desejo representam uma nova identidade social e a sensação de pertencimento a um grupo seleto.

Para Bauman (2017), à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da "modernidade líquida", nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua. Isso nos leva a buscar relações transitórias e fugazes e faz com que soframos as angústias inerentes a essa situação. Tudo se torna rapidamente descartável e obsoleto. É necessário adquirir uma nova identidade para que continuemos a existir socialmente.

“Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância de outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através deste método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. Há, é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque a natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos” (Freud, 1930).

Há uma confusão que atinge diretamente os valores da sociedade e do indivíduo. Para Schwartz e Bilsky (1987), esses valores são definidos como "(a) princípios ou crenças, (b) sobre comportamentos ou estados de existência, (c) que transcendem situações específicas, (d) que guiam a seleção ou avaliação de comportamentos ou eventos e (e) que são ordenados por sua importância". Assim, como reflete Freud, o que faremos? Vamos nos isolar ou faremos desta sociedade uma sociedade melhor? Com que valores decidiremos construir esta nova sociedade? Os valores guiam as atitudes e o comportamento das pessoas e podem estar relacionados a focos específicos da vida do indivíduo, formando estruturas inter-relacionadas.

Há na atualidade claramente um momento de valores em transição que trazem novos comportamentos. Diante desse contexto social, o indivíduo que presencia essa transformação terá que dialogar com o que foi e com o que ainda será, o que não se sabe, o desconhecido. Não há profecias nem previsões possíveis para identificar o futuro. O indivíduo deve estabelecer esse diálogo. Se não o fizer por si, pela sua sobrevivência social e profissional, terá que fazê-lo pelos seus filhos, para que possa participar deste mundo onde não há vislumbre do que era conhecido no passado. "Estar em movimento não é mais uma escolha: agora se tornou um requisito indispensável", afirma Bauman.

A reinvenção bate à porta, é necessário entender o novo papel social e se integrar a ele ou caminharemos para a distensão do vínculo com a realidade. Seria este o caminho mais fácil? Ao estabelecer este diálogo com o novo, é necessário elaborar uma nova narrativa pessoal e profissional. A distensão do vínculo com a realidade vai mais longe: a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre a ilusão e a realidade interfira em sua fruição. A região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação. Na época em que o desenvolvimento do senso de realidade se efetuou, essa região foi expressamente isenta das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo. À frente das satisfações obtidas através da fantasia ergue-se a fruição das obras de arte que, por intermédio do artista, é tornada acessível inclusive àqueles que não são criadores (Freud, 1930).

Freud, em *O mal-estar da civilização*, considera a realidade como única inimiga e a fonte de todo sofrimento com o qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos que romper todas as relações com ela. Segundo o autor, “o eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isto: pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados aos nossos próprios desejos”. É nesse lugar que se encontram as possibilidades de criar novos valores e ambiente social.

“Quando já não precisarmos comer para permanecer vivos, nem procriar para ter descendência, nem nos locomover para ter uma vida transbordante de aventuras; quando os instintos residuais destas atividades se apagarem como consequência dos retoques genéticos, possivelmente a natureza humana deixará de ser uma constante” (Bauman, 2017). Estamos nos debatendo frente ao desconhecido, não há limites, bordas, contornos, referências, valores. Tudo está por vir, por ser criado.

Nesse contexto, surge a realidade virtual, a rede social, um ambiente em que criamos realidades fantasiosas, temos experiências em recortes sociais protegidos e assumimos identidades que se reinventam rotineiramente ou que desaparecem algumas horas depois de veiculadas. Podemos nos reinventar inúmeras vezes durante o dia, sucessivamente assumindo papéis fantasiosos na rede. Ali naquele ambiente, de forma diferente que nas comunidades, as regras são criadas pela rede e a rede é o próprio indivíduo.

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e excluir amigos, controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nestes tempos individualistas. Assim, as regras sociais são criadas pelo indivíduo, ele é o dono da rede.

Nas redes sociais, é tão fácil adicionar e excluir amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Estas são desenvolvidas na rua ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Nesse contexto real, há o enfrentamento das dificuldades, há a necessidade de diálogo. No diálogo real, temos que interagir com opiniões diferentes e com indivíduos que não têm o mesmo pensamento. As redes sociais não ensinam a dialogar, nesse ambiente é muito fácil evitar a controvérsia e esse contexto social altera as relações pessoais, as habilidades sociais e consequentemente o set psicanalítico. Portanto, a rede social não é um laboratório para a reinvenção social – é tão somente um depósito de identidades.

Para Bauman, “a questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto”. Portanto, essa substituição é também ela temporária e descartável.

Nesse contexto, a sociedade que necessita a reinvenção que surgirá não é exatamente o que parece. E os indivíduos que a formam têm quais valores? De qual tipo de comunidade estamos falando? Há, assim, a instalação do que Bauman chama de universalização do medo ou das perdas derivadas da troca da ordem pela busca da liberdade: “...vivem em uma precariedade contínua: não saber se suas empresas vão se fundir ou comprar outras, ou se vão ficar desempregados, não saber se o que custou tanto esforço lhes pertence... O conflito, o antagonismo, já não é entre classes, mas de cada pessoa com a sociedade. Não é só uma falta de segurança, também é uma falta de liberdade” (Bauman, 2016).

Nesse aspecto, temos o disposto por Freud: “O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens” (Freud, 1930).

Os sofrimentos relacionados ao nosso corpo conseguimos minimizar com a conquista da longevidade e os avanços da medicina. Permanecemos com os desafiadores mundos externos e o relacionamento com outros indivíduos, ficando claro que melhorar relacionamentos nos ajudaria a lidar com o mundo externo. Assim, acreditamos que a tecnologia e o progresso nos trariam uma longevidade prazerosa e que isso seria o suficiente. No entanto, o que temos à frente é o perigo da velhice solitária, a necessidade de ter mais patrimônio, as aposentadorias insuficientes e medo de ter uma vida prolongada para exatamente o quê? Para lidar com essa realidade tão dura?

Na [psicanálise](https://pt.wikipedia.org/wiki/Psican%C3%A1lise) de [Sigmund Freud](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud), a realidade é tratada pelo princípio de realidade, que se caracteriza pelo adiamento da gratificação. Tal princípio opõe-se ao [princípio de prazer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_de_prazer), o qual conduz o indivíduo a buscar o [prazer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Prazer) e evitar a [dor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dor) sem restrições. Faz parte do amadurecimento normal do indivíduo aprender a suportar a dor e adiar a gratificação. Ao fazer isso, o indivíduo passa a reger-se menos pelo princípio de prazer e mais pelo princípio de realidade.

Assim, respeitar o princípio de realidade consiste em dar conta das exigências do mundo real e das consequências dos próprios atos. O homem entra em contato com a realidade física e social, com as deficiências da sociedade, bem como com a profusão de normas e regras sociais. Essa realidade é dominada pela necessidade, pela consciência da escassez e pela luta pela sobrevivência. O indivíduo tem que viver sob o princípio da realidade, o qual leva em consideração uma série de elementos antagônicos: ele e os outros, a vida individual e em sociedade, o prazer e o trabalho, a espontaneidade e as exigências sociais e a vulnerabilidade. É através do princípio da realidade que o homem deve se estabelecer no mundo e encontrar seu caminho para a sobrevivência.

Para Bauman, à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças do mundo atual, da "modernidade líquida", nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua. Isso nos leva a buscar relações transitórias e fugazes e faz com que soframos as angústias inerentes a essa situação. A confusão afeta não só os valores estabelecidos como também as relações afetivas.

Nesse contexto se encontra a sociedade que necessita a reinvenção que surgirá a partir do movimento dos indivíduos de forma pendular entre a liberdade e a segurança, entre o amor e o medo. Em carta de Bauman a Gustavo Desal, ele diz: “Como você deve ter notado, o movimento pendular que vai e vem da liberdade à segurança –dois valores igualmente indispensáveis para obter uma condição humana gratificante, mas incompatíveis e disputados em todas as etapas – deu uma guinada de 180 graus desde que *O mal-estar na civilização* foi enviado a gráfica. Este deslocamento seminal é o que eu chamo de fase líquida da modernidade. Já faz algum tempo que tenho a sensação cada vez mais forte de que essa fase está pisando bruscamente no freio e de que agora atravessamos a subsequente inversão de rumo”. A inversão de rumo apontada pelo autor é uma possível reinvenção ou será que voltaremos ao modelo de regras absolutas em nome da segurança?

Vivemos em uma sociedade na qual liberdade e segurança acabam por se confundir. Nas grandes cidades, constroem-se muros. Os mesmos muros são propostos para dividir países em manutenção da liberdade. Como diz Bauman em *44 cartas ao mundo líquido moderno*: “Estrangeiros são perigosos. Será? Afinal, vivemos na época dos telefones celulares (para não falar no MySpace, no Facebook e no Twitter): com os amigos a gente troca mensagens eletrônicas em vez de visitas, todas ou quase todas as pessoas que conhecemos podem ser contatadas “on-line” e são capazes de nos informar previamente se estão pensando em nos visitar; dessa forma, se alguém bater na porta de sua casa ou tocar a campainha sem ser anunciado, este é um evento fora do normal, um sinal de perigo em potencial. Dentro do ‘condomínio fechado’, as ruas são mantidas vazias para que um estranho, ou alguém que se comporte como um estranho, nem sequer se arrisque a entrar”.

O que ocorre é que o medo e o desejo pela segurança fazem com que nos restrinjamos à mesmice. Vivemos em bolhas criadas por nós mesmos que acabam por restringir a interlocução e a elaboração de novos conteúdos. Sabemos que há igualmente uma necessidade de liberdade e segurança todos os dias de nossas vidas e que fazemos escolhas nesse sentido, estabelecendo nossos próprios limites, porém podemos estar criando as mesmas respostas para as mesmas perguntas e essa interlocução não serve mais para um mundo em constante mudança.

Assim, postula Bauman (2011): “Quando nos dedicamos a pôr travessas nas prateleiras ou em cima do bufê, a varrer o chão, a arrumar a mesa ou fazer a cama, estamos cuidando da preservação ou restauração da ordem. Traçamos limites no espaço para criar e conservar uma ordem espacial: para reunir certas pessoas e coisas em determinados lugares e manter outras pessoas longe desses espaços. A presença de guardas à entrada de centros comerciais, restaurantes, prédios da administração pública, condomínios fechados, teatros ou estádios busca dar passagem a certas pessoas e impedir o acesso de outras. Eles conferem ingressos, passes, passaportes e outros documentos que autorizem a entrada dos portadores, ou examinam a aparência das pessoas em busca de sinais e dicas sobre suas intenções e qualificações, sobre a probabilidade de que, uma vez admitidos, satisfaçam às exigências e expectativas a respeito da gente de boa-fé. Cada modelo de ordem espacial divide os seres humanos em desejáveis e indesejáveis sob a designação codificada de legítimos, permitidos e ilegítimos como não permitidos”.

São esses códigos que alternadamente nos dão liberdade ou segurança, ou melhor, parecem nos dar um pouco dessas sensações. No entanto, esses códigos estão em mutação na sociedade pós-moderna. Já não sabemos separar o desejável do indesejável, já que os valores, os limites, as regras, os contornos não existem. Nesse sentido, talvez estejamos no mesmo lugar da percepção apontada por Freud (1930): “Nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seriamos muito mais felizes se abandonássemos e voltassem as condições primitivas... Todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento fazem parte dessa mesma civilização”.

A reflexão que faz Freud diante da sociedade na década de 1930 poderia facilmente ser a descrição dos tempos atuais: “Durante as últimas gerações a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. As etapas isoladas deste progresso são do conhecimento comum, sendo desnecessário enumerá-las. Os homens se orgulham de suas realizações e têm todo direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes”.

Como pontua Yuval Harari em seu livro *21 lições para o século XXI*, “há uma desilusão, o fim da história foi adiado. A sensação de desorientação e catástrofe iminente é exacerbada pelo ritmo acelerado da disfunção tecnológica. O sistema político liberal tomou forma durante a era industrial para gerir um mundo de máquinas a vapor, refinarias de petróleo e aparelhos de televisão. Agora, tem encontrado dificuldade para lidar com as revoluções em curso na tecnologia da informação e na biotecnologia. Políticos e eleitores mal conseguem compreender as novas tecnologias, que dirá regular seu potencial explosivo”.

Podemos dizer que, antes de tudo, estamos diante de uma grande desilusão. Qual a desilusão? A de que a sociedade seria mais perfeita com tudo isso e no fim da história o ser humano mais feliz? No entanto, mesmo com todo o potencial tecnológico, conquistas para se deslocar, avanço na medicina, longevidade, a verdade é que, segundo o mesmo autor, “em 2018 a pessoa comum sente-se cada vez mais irrelevante”. Assim, há uma enormidade de novidades à sua volta, novos termos e assuntos que precisa aprender e dominar, como prossegue Harari: “Um monte de palavras misteriosas é despejado freneticamente em “TED Talks, think tanks governamentais e conferências de alta tecnologia – globalização, *blockchain*, engenharia genética, inteligência artificial, aprendizado de máquina —, e as pessoas comuns bem podem suspeitar que nenhuma dessas palavras têm a ver com elas”.

A verdade é que tudo isso faz com que nos sintamos individualmente e socialmente perdidos, como prossegue em sua reflexão Harari (2018): “O gênero humano está perdendo a fé na narrativa liberal que dominou a política global em décadas recentes, justamente quando a fusão da biotecnologia com a tecnologia da informação nos coloca diante das maiores mudanças com que o gênero humano já se deparou”. O indivíduo comum se sente claramente perdido, a sua identidade se perdeu. O mundo se transformou tanto que o seu lugar está sendo questionado, assim como seu papel no mundo, sua relevância e sua atuação.

Portanto, como prossegue Harari (2018), “algoritmos de Big Data poderiam criar ditaduras digitais nas quais todo o poder se concentra nas mãos de uma minúscula elite enquanto a maior parte das pessoas sofre não em virtude de exploração, mas de algo muito pior: irrelevância”. Neste momento da sociedade, “será o *Homo sapiens* capaz de dar sentido ao mundo que ele criou? Haverá ainda uma fronteira nítida entre realidade e ficção?”, reflete Harari (2018).

E, com certeza, é o momento da renovação, da reinvenção social e pessoal e, ainda, segundo Harari:“Talvez no século XXI as revoltas populares sejam dirigidas não contra uma elite econômica que explora pessoas, mas contra a elite econômica que já não precisa delas. Talvez seja uma batalha perdida. É muito mais difícil lutar contra a irrelevância do que contra a exploração. (...) As próximas décadas serão, portanto, caracterizadas por um intenso exame de consciência e pela formulação de novos modelos sociais e políticos. Será o liberalismo capaz de se reinventar mais uma vez, como na esteira das crises das décadas de 1930 e 1960, e emergir ainda mais atraente? Será que a religião e o nacionalismo tradicionais são capazes de oferecer as respostas que escapam aos liberais, e usar sua antiga sabedoria para moldar uma visão de mundo atualizada? Ou terá chegado o momento de romper totalmente com o passado e criar uma narrativa completamente nova que vá além não só dos antigos deuses e nações, mas até mesmo dos valores modernos centrais de liberdade e igualdade?”.

Essa é a reflexão do indivíduo contemporâneo diante do cenário tão conturbador e ainda em compreensão. Qual será nossa capacidade social e pessoal para esse contexto? O que nos motivará a ir nessa direção? Será a busca do fim da história ou, como pontuou Freud (1930): “Não existe então nenhum ganho no prazer , nenhum aumento inequívoco no meu sentimento de felicidade, se posso, tantas vezes quantas me agrade, escutar a voz de um filho meu que está morando a milhares de quilômetros de distância, ou saber no tempo mais breve possível depois de um amigo ter atingido seu destino que ele concluiu incólume a longa e difícil viagem? Não significa nada que a medicina tenha conseguido não só reduzir enormemente a mortalidade infantil e o perigo de infecção para as mulheres no parto, como também, na verdade, prolongar consideravelmente a vida média do homem civilizado?”.

Nem podíamos imaginar o quanto mais a civilização iria conseguir desde essa reflexão de Freud. Nem os filmes de ficção nem os contos de fada poderiam levar a civilização humana tão longe. E mesmo com todo esse desenvolvimento é necessário ao ser humano o sentimento de pertencimento. Tudo isso é fruto da capacidade humana de aprender, pesquisar e desenvolver, tamanha inteligência que inventou a Inteligência Artificial (IA), a mesma que poderá tornar este ser humano obsoleto. Será? Ou teremos o retorno do pêndulo para valores mais humanos e para a conhecida segurança.

Para Harari (2018), “no século XXI, o desafio apresentado ao gênero humano pela tecnologia da informação e pela biotecnologia é indubitavelmente muito maior do que o desafio que representaram, em época anterior, os motores a vapor, as ferrovias e a eletricidade. E, considerando o imenso poder destrutivo de nossa civilização, não podemos mais nos dar ao luxo de ter mais modelos fracassados, guerras mundiais e revoluções sangrentas. Desta vez, os modelos fracassados podem resultar em guerras nucleares, monstruosidades geradas pela engenharia genética e um colapso completo da biosfera. Portanto, temos de fazer melhor do que fizemos ao enfrentar a Revolução Industrial (...) O empreendedorismo econômico terá de ser acompanhado por uma revolução na educação e na psicologia”.

Como dito, cabe fazer melhor do que fizemos e é aí, nesse contexto social, que cabe a reflexão: como nos prepararemos psicologicamente? Quais atributos precisaremos desenvolver? Quem é esse indivíduo que terá que lidar com máquinas e humanos? Precisará conhecer a si mesmo, dominar emoções, reinventar sua narrativa e estabelecer este diálogo com o novo para sua sobrevivência, relevância e ainda para criar filhos para este mundo desconhecido.

Para Freud (1930), “as épocas futuras trarão com elas novos e provavelmente inimagináveis grandes avanços nesse campo da civilização e aumentarão ainda mais a semelhança do Homem com Deus. No interesse de nossa investigação que atualmente o homem não se sente feliz em seu papel dessemelhante a Deus”.

Para Bauman (2017), *“*a história da humanidade está salpicada de falsas alvoradas e em consequência a história do pensamento transborda de falsas esperanças. Talvez incuravelmente somos imbuídos pelo desejo (explícito ou reprimido, embora irreprimível, de vislumbrar em cada nova oportunidade o anúncio de que os problemas ou mal-estares atuais ficarão para trás. Essa inclinação se institucionalizou na era moderna (de fato, tornou-se inseparável do estilo de vida moderno) mediante a ideia de progresso associada ao culto da ciência e tecnologia”.

Harari (2018) nos diz: “Então, o que vem em seguida? O primeiro passo é baixar o tom das profecias apocalípticas e passar de uma postura de pânico para uma de perplexidade. O pânico é uma forma de prepotência. Deriva da sensação pretensiosa de que eu sei exatamente para onde o mundo está se dirigindo –ladeira abaixo. A perplexidade é mais humilde, portanto, mais perspicaz. Se você tem vontade de correr pela rua gritando ‘O apocalipse está chegando!’, tente dizer a si mesmo: ‘Não, não é isso. A verdade é que eu não compreendo o que está acontecendo no mundo’”.

Estamos em mais um momento de mudança social. Para os autores atuais, a disrupção, em que é necessário estabelecer novos paradigmas e reinventar regras e conceitos. Para isso, é preciso observar o contexto e elaborar o conteúdo aliado à percepção das emoções, e ainda incluir atributos humanos, como intuição e colaboração – e isso nenhuma máquina pode fazer.

**O indivíduo e a Reinvenção**

*Todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo especifico ele pode ser salvo ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose (*Freud, 1930)

Estamos perdidos em uma sociedade em que é necessário se reinventar. É verdade que buscamos um propósito para a vida humana durante toda a existência. Este tem sido o desafio da humanidade. No entanto, vivemos atualmente em um mundo desconexo onde tudo é possível e permitido e nada se faz valer como legítimo, forte e duradouro. Assim, ter um propósito pode ser por demais arriscado e ir em busca da verdade pode ser extremamente perigoso.

Como menciona Freud (1930) em *O mal-estar da civilização*, “a questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória”. Para o autor, “o que decide o propósito de vida é simplesmente o programa do princípio do prazer”.

O indivíduo na atualidade se encontra perdido transitando entre a busca de sua felicidade e a busca da sobrevivência. Não seria esta a conflitante busca da liberdade e da segurança? Afinal, seria o propósito da existência? E quem é esse indivíduo?

Como diz Freud na mesma obra: “Os princípios do prazer e da realidade têm uma função reguladora, ou seja, regula a satisfação pulsional em função da relação prazer/desprazer, buscando a satisfação através da alucinação do objeto ou através do adiamento e do deslocamento para objetos adequados às normas sociais – o princípio constitui o funcionamento de um campo”. Quais seriam essas normas sociais hoje? Desconhecemos completamente, tudo é possível, estamos em um intervalo de valores, já não sabemos mais aquilo que é verdade, aquilo que é permitido, não há normas e estamos de certa forma à deriva e abandonados.

Para Bauman (2011), “ser abandonado a seus próprios recursos anuncia tormentos mentais e a agonia da indecisão, enquanto a responsabilidade sobre os próprios ombros prenuncia um medo paralisante do risco e do fracasso, sem direito a apelação ou desistências. Esse não pode ser o significado real da liberdade, e se a liberdade realmente existir e a liberdade oferecida significar tudo isso, ela não pode ser a garantia de felicidade nem um objetivo digno de luta”.

Afinal, será esta a felicidade que buscamos? O que será necessário construir, conquistar, obter para que sejamos indivíduos felizes? Este indivíduo é o que está em busca da felicidade descrita por Freud: “O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar”.

Desde a publicação de *O mal-estar na civilização*, aquilo que nos restringia se modificou radicalmente. A verdade é que hoje, excetuando-se crimes ou situações patológicas, praticamente não há restrições; pelo contrário, temos de dar conta de vários papéis sociais numa sociedade em que há uma profusão de possibilidades e constituições e na qual nada é obviamente o que parece. Para esses papéis, precisamos nos reinventar a todo momento e várias identidades são necessárias.

Bauman (2004) define a identidade como o sentimento de pertencimento. Inicialmente pertencemos por nascimento a uma nação. Porém, esse conceito foi construído pelo homem e sua civilização, que estão em constante mudança. Assim, identidade e pertencimento não possuem uma solidez perene, mas, sim, são um processo de transformação contínua. As identidades se constroem e se modificam pela influência de fontes diversas e de nossas próprias escolhas. Em um mundo onde mudanças ocorrem diariamente ou várias vezes ao dia, faz-se necessária a construção de um sem-número de identidades e pergunta-se: “Com qual pertencimento?”.

É neste cenário que habita o indivíduo do século XXI, com inúmeros questionamentos e sem saber o que escolher. Para o indivíduo hoje é extremamente complexo identificar o que o faria feliz. Afinal, qual seria a sensação de pertencimento? Quando estaria, de fato, rompendo com algo que o restringe? Como pontua Harari (2018): “O que está acontecendo neste momento? Quais são os maiores desafios e escolhas de hoje? Qual deve ser o foco de nossa atenção? O que devemos ensinar a nossos filhos?”.

Em *O mal-estar da civilização*, Freud questiona: “O que pedem eles da vida e o que desejam realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. (...) Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer”.

Fica claro aqui que a identidade em um modelo rígido não se ajusta mais ao mundo líquido. A busca da identidade vem justamente do anseio de pertencimento e segurança e, em um mundo de ausência de referências sociais e de valores perduráveis, a internet surge como o desdobramento virtual da realidade, que permite a fácil entrada e saída dos indivíduos que constroem as identidades que desejarem mudando a cada necessidade a identidade existente.

Nesse universo virtual, as conexões são celebradas. Ali é possível conectar-se e desconectar-se com um clique, não é um território de negociação. É possível ser aceito ou não. A inexistência de interlocução e a rapidez das ações produzem uma forma quase prazerosa de descartar a frustação ou aquilo que não me interessa. Esse cenário colabora para produzir jovens inseguros, não há uma identidade forte nem rumos a seguir, posso mudar, experimentar e me esconder atrás de uma identidade desejável. Os pais se encontram tão inseguros quanto esses jovens, sua identidade de pai ou mãe já não serve mais e não sabem como orientar seus filhos, se encontram boquiabertos com tantas mudanças e tentando manter a sobrevivência de suas próprias identidades para suas vidas pessoais e profissionais. A confusão se dá nos valores, nas relações parentais, de trabalho e afetivas. Os pais já não sabem com preparar esses filhos. Os pais, na condição de adultos, também não sabem como eles mesmos podem se reinventar para exercer seus papéis socioativos de modo a manter a integridade, o sustento e as relações estabelecidas.

Para Bauman (2017), “os pais de hoje, ou a maioria deles, fracassam no dever parental, socialmente esperado e socialmente exigido, de formar e preparar a própria descendência de acordo com os requisitos impostos pela sociedade que integram juntos com os filhos”.

Ainda segundo Bauman (2017), “a diferença do que acontecia com seus pais e avós, que se criaram no estado ‘sólido’ da modernidade, orientado para serem produtores e soldados, agora as opções recomendadas não incluem códigos de conduta perduráveis, oficiais, muito menos perduráveis e oficiais, que guiem os eleitores por um itinerário infalível depois que eles fazem a escolha ou aceitam com obediência a opção recomendada”.

Aquilo que se aprendeu como escolha já não serve mais, e a inutilidade se evidencia na orientação aos filhos, como na escolha de carreira ou outras situações próprias da juventude. Há, inclusive, uma dificuldade desses pais em entender as escolhas feitas pelos jovens, seja na carreira, seja na opção sexual. Não há um modelo a seguir, perdemos a referência. O que foi aprendido não serve para ser ensinado, pelo menos não dá mesma forma, sem referências. Sem histórico é muito mais difícil escolher.

Para Bauman (2017), “o que atormenta os jovens de nossos dias já não é o excesso de restrições e proibições insidiosas, temíveis e muito reais, mas a preocupante e vasta expansão das opções aparentemente aberta pela dádiva da liberdade consumistas. Hoje a ansiedades dos jovens e seus consequentes sentimentos de inquietação e impaciência, assim como a urgência de minimizar os riscos, emanam, por um lado, da aparente abundância de opções, por outro lado, do temor de fazer uma escolha ruim ou pelo menos de não fazer ‘a melhor escolha disponível’, em outras palavras, do horror a perder uma oportunidade maravilhosa quando há ainda um tempo (fugaz) para aproveitá-la”.

Nesse contexto de incerteza e consequente estresse, já não sabemos nem o que perguntar e qual tipo de ajuda pedir. As redes sociais são usadas não para a união e informação ou para ampliar horizontes, e sim para se fechar em bolhas. Bolhas que se constituem como as zonas de conforto, os “condomínios virtuais”, que nos permitem acreditar em uma identidade que é válida e ainda existente. Nessas bolhas, ouvimos as próprias vozes e vemos os reflexos das próprias imagens e, dessa forma, fica mais fácil acreditarmos que ainda somos legítimos.

A incerteza está instalada na “modernidade líquida". Nossas identidades, nossas legitimidades estão em um processo de transformação contínua. Nessa busca, temos uma atuação incerta também, quase bipolar, oscilante entre a liberdade e a segurança, entre o medo e o amor, entre a permanência e a mudança, sofrendo as angústias inerentes a essa situação.

Nesse contexto, adultos na faixa dos 40 aos 60 anos têm hoje que revisitar suas escolhas para o que Bauman chama de mundo líquido, precisam aprender a lidar com a transitoriedade, com a instabilidade, seja para sua própria sobrevivência e reinvenção, seja para manter uma interlocução com as escolhas dos filhos que, diferentemente deles, já nasceram no mundo fluido. Para os adultos dessa faixa etária, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida era sinal de caráter. Hoje é extremamente arriscado. No passado, ter uma identidade forte e valores perenes era importante para trajetória de vida, para se ter sucesso e “dar certo”. Atualmente, essa característica pode ser um obstáculo e caracterizar a impossibilidade de criar-se novas narrativas.

As mudanças do mundo líquido trouxeram transformações totalmente imprevisíveis. Não reconhecemos mais o cenário e, em territórios desconhecidos, não existem relações de confiança. Tudo é volátil e não há compromissos sólidos em nenhuma área da vida, tudo se modifica e as relações também. Segundo Bauman (2017), “a receita do sucesso é ‘seja você mesmo’, e não ‘seja igual ao resto’. É a diferença, não a mesmice, que vende melhor”. Para ser diferente e ser você mesmo implica se reconhecer, em autoconhecimento e conseguir dialogar com o novo, com o desconhecido.

Estamos em um cenário de sofrimento. Para Freud (1930), um dos fatores de sofrimento que nos ameaça são nossos relacionamentos com os outros homens. Podemos dizer que nesse lugar do relacionamento com o outro é que se encontra hoje a grande fonte de sofrimento do homem pós-moderno. Na sociedade líquida, já não há no que se agarrar. Isso vale para todas as relações: afetivas, parentais e, em especial, para as relações de trabalho, as quais sofrerão uma das maiores transformações. O trabalho, que passou a ser o centro da vida moderna, vê na pós-modernidade a perda da identidade profissional. Que função eu tenho? Como me manter ativo e empregável?

Para Bauman (2017), “não é mais suficiente possuir conhecimentos e habilidades ‘próprios do cargo’ e já demonstrados por outros que executaram o mesmo trabalho antes ou se candidatam a ele no momento. É bem provável que essa atitude seja vista e tratada como desvantagem. É preciso oferecer ideias incomuns, ‘diferentes das outras’, projetos excepcionais que ninguém mais sugeriu; e, acima de tudo, uma tendência silenciosa e dissimulada a andar com os próprios pés. É este o tipo de conhecimento (melhor dito, inspiração) ambicionado por homens e mulheres em tempos de modernidade líquida. Eles querem orientadores para lhes mostrar como caminhar, e não professores que lhes façam seguir a única estrada possível – aliás, já cheia de gente, justamente por ser -a única-”.

É necessário ser diferente, mas ao mesmo tempo pertencer e, segundo Freud (1930), “contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas”. Podemos dizer que o isolamento já era impossível e agora, em uma sociedade conectada em rede, é impraticável, podendo, sim, tornar o sujeito invisível e irrelevante. Assim, o isolamento, além de não ser o antídoto do sofrimento, pode ser, sim, a causa deste. O homem não só não poderá se isolar, mas terá que aprender a interagir tanto com os elementos humanos de identidades diversas como com robôs programados para serem humanos e assumirem outras tantas identidades.

Para Harari (2018), “humanos têm dois tipos de habilidades − física e cognitiva. No passado, as máquinas competiram com humanos principalmente em habilidades físicas, enquanto os humanos se mantiveram à frente das máquinas em capacidade cognitiva. Por isso, quando trabalhos manuais na agricultura e na indústria foram automatizados, surgiram novos trabalhos no setor de serviços que requeriam o tipo de habilidade cognitiva que só os humanos possuíam: aprender, analisar, comunicar e acima de tudo compreender as emoções humanas. No entanto, a IA − Inteligência Artificial − está começando agora a superar os humanos em um número cada vez maior dessas habilidades, inclusive a de compreender as emoções humanas”.

Estamos diante de uma mudança incomparável historicamente. “No século XXI, o desafio apresentado ao gênero humano pela tecnologia da informação e pela biotecnologia é maior do que o desafio que representaram, em época anterior, a eletricidade, máquinas a vapor e os veículos. E, considerando o imenso poder destrutivo de nossa civilização, não podemos mais nos dar ao luxo de ter mais modelos fracassados, guerras mundiais e revoluções sangrentas. Desta vez, os modelos fracassados podem resultar em guerras nucleares, monstruosidades geradas pela engenharia genética e um colapso completo da biosfera. Portanto, temos de fazer melhor do que fizemos ao enfrentar a Revolução Industrial” (Harari, 2018).

O fato é que a grande revolução, já iniciada com a Inteligência Artificial (IA), bate à porta e a forma como vamos lidar com as mudanças é algo para se pensar já. Não estamos falando de um futuro distante, e sim de um momento concreto para o qual precisamos nos reinventar. Para Harari (2018), “a revolução da IA não será um único divisor de águas e posteriormente o mercado de trabalho vai se acomodar num novo equilíbrio. Será, sim, uma torrente de rupturas cada vez maior, teremos de explorar novos modelos de sociedades pós-trabalho, de economias pós-trabalho e de política pós-trabalho. O primeiro passo é reconhecer que os modelos sociais, econômicos e políticos que herdamos do passado são inadequados para lidar com tal desafio”. Assim se faz necessário reconhecer que os modelos sociais, econômicos e políticos existentes não atendem mais à conjuntura atual.

Estamos diante da transformação da sociedade na forma que conhecemos. O trabalho organiza as famílias, as cidades, o consumo. Teremos que reorganizar essas relações sociais e, para isso, é necessário adquirir novas competências e um novo “mindset”, ou seja, uma nova forma de pensar. No entanto, para Harari (2018), “já hoje poucos empregados esperam permanecer no mesmo emprego por toda a vida. Em 2050 não apenas a ideia de ‘um emprego para a vida inteira’, mas até mesmo a ideia de ‘uma profissão para a vida inteira’ parecerá antidiluvianas”. Vemos assim a reinvenção social e a reinvenção do indivíduo como iminente. No entanto, toda mudança social ou individual vem da ruptura com o antigo, vem do sofrimento da dor. E necessário romper com o conhecido para se reinventar.

Para Freud (1930), “quanto (...) a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não admitimos de modo algum; não podemos perceber por fato que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo quando consideramos o quanto fomos malsucedidos nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também é possível jazer, por trás desta uma parcela de natureza inconquistável, dessa vez uma parcela de nossa própria constituição psíquica”.

Para Harari (2018), cabe a reflexão: “Será que as pessoas serão capazes de lidar com a volatilidade do mercado de trabalho e das carreiras individuais? Provavelmente vamos precisar de técnicas de redução de estresse ainda mais eficazes − desde medicamentos, passando por psicoterapia e meditação”.

Segundo Bauman (2011), “a capacidade de minúsculas mudanças produzirem efeitos em taxa exponencial é hoje conhecida como “efeito borboleta”. A regra do efeito borboleta diz simplesmente que o comportamento dos sistemas complexos com uma quantidade de variáveis mutuamente independentes é e continuará a ser, para resumir, imprevisível. Não só imprevisível para nós, pela nossa ignorância, negligência ou estupidez, mas pela própria natureza dos sistemas. Como o mundo em que vivemos é um sistema de complexidade além da imaginação, seu futuro é um grande desconhecido”.

Se o futuro se mostra tão incerto, se não sabemos como vamos afetar uns aos outros socialmente, se a forma como nos relacionamos, como trabalhamos e como criamos nossos filhos será totalmente afetada por esse cenário, onde buscaremos as referências? Que tipo de inteligência emocional e de preparação psicológica será necessária? Como o indivíduo entenderá essa nova forma de organização? Como poderá reinventar uma identidade compatível à sua sobrevivência e legítima para sua construção pessoal?

Todos esses questionamentos afloram atualmente. A falta de referências amplia a angústia e causa ao indivíduo uma espécie de confusão. Como posso fazer o que sempre fiz e simplesmente não conseguir avançar? Este contudo tem sido um tema recorrente na clínica da modernidade líquida.

**A clínica e a Reinvenção**

*O homem que, em anos posteriores vê sua busca da felicidade resultar em nada, ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica. (Freud, 1930)*

Estamos diante desse contexto de transformação social e pessoal. Muitas são as incertezas de novas experiências a caminho. Temos muito mais perguntas que respostas e as mudanças estarão presentes em todas as esferas da vida pessoal e profissional. É uma nova era e trata-se de uma era em que cientistas, corporações e governos estão aprendendo a “*hackear”* o cérebro humano. E o que nós faremos com isso? Será que nos ajudará ou seremos reféns desse conhecimento?

E assim, diante desse cenário que questionamos, de que forma o psicanalista se prepara tanto como indivíduo quanto como profissional para lidar com essas mudanças? Afinal, as mudanças afetam o contexto social e a clínica psicanalítica, que deverá lidar com todas as identidades em mutação. Como conduzir na clínica tais conteúdos tão complexos.? Quais competências e qual olhar esse profissional deverá desenvolver? E com qual velocidade, já que as mudanças são rápidas, muito rápidas?

Para Harari (2018), “um mundo global exerce uma pressão sem precedentes sobre a conduta e a moralidade pessoais. Cada um de nós está enredado em numerosas e vastas teias de aranha, que restringem nossos movimentos, mas ao mesmo tempo transmitem nossos mais minúsculos movimentos a destinações longínquas. Nossa rotina diária influencia a vida de pessoas e animais do outro lado do mundo, e alguns gestos pessoais podem inesperadamente incendiar o mundo inteiro”. E, assim, o efeito borboleta tem um reflexo social amplo, há muito o que aprender com os novos tempos e somos todos indivíduos cada vez mais inseguros com as incertezas do mundo.

Para Harari (2018), “essa dimensão global de nossa vida pessoal significa que é mais importante que nunca revelar nossos vieses religiosos e políticos, nossos privilégios raciais e de gênero, e nossa cumplicidade involuntária na opressão institucional. Mas será este um empreendimento realista? Como poderei achar um terreno ético firme num mundo que se estende muito além de meus horizontes, que gira completamente fora do controle humano, e que suspeita de todos os deuses e ideologias?”.

Diante disso, desses efeitos e influências globais, qual a atuação psicanalítica? Com quais referências sociais é possível trabalhar na clínica? A verdade é que não há um terreno ético definido. Aprenderemos fazendo, aprenderemos com os conteúdos trazidos pelos pacientes e com as novas angústias surgidas na pós-modernidade. Teremos que elaborar sobre essa realidade para poder cuidar desses pacientes. Há que se ter uma escuta apurada, um repertório de informações vasto e atualizado para que se construa uma interlocução com esse indivíduo em mutação e com a necessidade de definir novos contornos sociais possíveis.

Para Bauman (2000), "cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir, isto é, com a máxima satisfação concebível". Esse é o espaço que podemos criar na clínica: esticar capacidades para que possamos atender e entender tais conteúdos. E ainda, para Bauman, “o estado fluido e não estruturado do cenário imediato da política-vida (...) requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas". Assim, a narrativa psicanalítica há que ser revista para um mundo fluido e não estruturado, trazendo para o psicanalista uma atribuição também de fluidez e reinvenção com a criação de novos limites para a ética, para a elaboração e para clínica.

Na psicanálise de Freud (1930), o princípio do prazer conduz o indivíduo a buscar o [prazer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Prazer) e evitar a dor, sem restrições. Hoje, já não sabemos exatamente onde está o prazer e a dor, aquilo que pode parecer óbvio não é, e precisamos acionar nossas capacidades de resiliência, humildade e paciência. É preciso reaprender a respeito desses limites.

Para Freud (1930), “respeitar o princípio de realidade consiste em dar conta das exigências do mundo real e das consequências dos próprios atos”. Além das exigências de o mundo terem perdido suas referências, as consequências dos próprios atos são absurdamente desconhecidas pelo indivíduo da pós-modernidade, sendo assim impossível dar conta dessas exigências. Esse é um tema recorrente na clínica da atualidade e para o qual o psicanalista precisa aprender a elaborar contornos possíveis.

Estamos diante de uma realidade desconhecida a cada dia, na qual planejar, pensar e conduzir a vida tem tido cada vez mais elementos antagônicos, afinal as regras sociais e outros elementos da vida coletiva estão em constante mutação. Na clínica, o psicanalista se depara com esse antagonismo, ele próprio tentando encontrar um caminho para sobrevivência, deve ajudar os pacientes a elaborar seus conteúdos nesse contexto de realidade. As normas e regras sociais estão desaparecendo ou mudando. Dessa forma, o trabalho em clínica hoje carece de referências e exige do profissional psicanalista um esforço adicional de elaboração da realidade.

Bauman (2000) postula: “No meio disso há uma sensação de impotência e que essa impotência é sentida como ainda mais odiosa, frustrante e perturbadora, em vista do aumento de poder que se esperava que essa liberdade trouxesse".

A liberdade não trouxe o bem-estar esperado, pelo contrário, há uma enorme impotência do não saber.

Já para Freud (1930), “a psicanálise não consiste em ‘educar’ o paciente no reconhecimento que a realidade possui um estatuto mais elevado, uma espécie de amadurecimento mental acima dos desejos primários. A psicanálise procura conseguir que o sujeito atravesse a tela da realidade, esse véu imprescindível para suportar a vida, mas ao mesmo tempo incomparável com a verdade, a fim de alcançar algo mais legítimo que o sonho com o qual está capturado”. Atravessar a tela da realidade tem sido a maior dor do momento. Que atributos são necessários para suportar tal vida? Teremos que aprender e reaprender novos e velhos conceitos. Estudos recentes da neurociência comprovam que o cérebro possui a capacidade chamada de neuroplasticidade, ou plasticidade cerebral, que é a capacidade do nosso sistema nervoso central de modificar a organização estrutural e funcional do cérebro.

Esses estudos comprovam que nosso cérebro não é uma estrutura “rígida”, imutável, e sim muito mais “maleável” do que se imaginava há alguns anos. Somos capazes de modificar nossos cérebros por meio de experiências vividas, percepções dos fatos, da visão de futuro, das ações e dos comportamentos modificados, fazendo com que verdadeiras redes de neurônios sejam rearranjadas a cada nova experiência.

Segundo Cameron (2009), na prática, a plasticidade promove novas ligações entre neurônios, criando novos caminhos neurais, modificando toda a rede de conexão que temos. E isso, quando construído de forma correta e fortalecido da maneira adequada, é capaz de modificar muito a vida das pessoas. Isso significa que, a cada nova experiência, as sinapses neurais são formadas e fortalecidas pela repetição e constância do agir, pensar e sentir.

Com isso, podemos entender que os seres humanos podem criar novos caminhos neurais ao longo de toda a vida; que o esforço consciente também para criar novas sinapses e que ligações podem se dar mediante o treino mental; e os efeitos conseguidos são específicos, ou seja, dependem do tipo da atividade mental que você produz, fazendo com que as novas conexões se multipliquem com especial intensidade e em distintas zonas cerebrais. (Cameron, 2009).

Como poderemos nos adaptar a essa nova cultura trazida pela modernidade líquida? Esse mecanismo cerebral será essencial na nossa reinvenção. Poderemos aprender novas atividades e conceitos, e somente assim, não sucumbiremos à velocidade das mudanças.

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud nos mostra o quanto o Eu encontra-se ligado ao plano social e explica que, inicialmente, nosso Eu "abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente (...), que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno". Assim é como se estabelece a relação entre sujeito e cultura na atualidade. Ainda estamos avaliando qual será o papel dessa cultura em mutação na construção da subjetividade.

Para Bauman (2004), nessa nova cultura pós-moderna e líquida, é necessária uma nova ligação do Eu com o plano social − novas identidades para a reinvenção desse sujeito aliadas a um novo ambiente cultural e ao mundo externo onde as mudanças ocorrem em velocidade constante, exigindo uma plasticidade cerebral tão veloz quanto.

Conhecer a mudança será então a forma de educar nosso cérebro para adaptação. Para Charles e Lipovetsky (2004), "a pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à liberdade individual se esboroam (...), dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio". Há na civilização a busca pela extinção de todo sofrimento, propagando-se a ideia de que o sujeito seja uma espécie de super-herói capaz de dar conta de tudo, com seu próprio esforço. Esse esforço pode ser a mola propulsora para nossa mudança e reinvenção auxiliada por nosso cérebro plástico não de super-herói, mas de humano que tem conhecimento dessa condição.

Para Harari (2018), “no passado, nós humanos aprendemos a controlar o mundo exterior, mas tínhamos pouco controle sobre o mundo interior. Sabíamos construir uma represa e interromper o pensamento. As revoluções na biotecnologia e na tecnologia da informação nos darão controle sobre o mundo interior, e nos permitirão arquitetar e fabricar vida. Vamos aprender a projetar cérebros, a estender a duração da vida e a eliminar pensamentos segundo nosso critério. Da mesma forma, será mais fácil redirecionar o fluxo de nossa mente do que predizer o que isso fará a nossa psicologia pessoal ou nosso sistema social”.

Poderemos usar esses “superpoderes” para uma nova condição humana. “Quanto mais compreendemos os mecanismos bioquímicos que sustentam as emoções, os desejos e as escolhas humanas, melhores podem se tornar os computadores na análise do comportamento humano, na previsão de decisões humanas” (Harari, 2018).

Nesse cenário, postula Harari (2018): “A invenção decisiva é a do sensor biométrico, que as pessoas podem usar nos seus corpos ou dentro deles, e que converte processos biológicos em informação eletrônica que computadores podem armazenar e analisar. Se tiverem dados biométricos e capacidade computacional suficientes, sistemas de processamento de dados externos poderão intervir em todos os seus desejos, todas as suas decisões e opiniões. Poderão saber exatamente quem é você”.

Será que essa tecnologia alimentará estatisticamente somente o consumo ou teremos elementos necessários para ampliar nosso autoconhecimento sem que sejamos reféns destes? Como postula Harari (2018), “pode ficar tão fácil manipular nossas opiniões e emoções que seremos obrigados a nos basear em algoritmos. (...) Mesmo em sociedades supostamente livres, algoritmos podem ganhar autoridade, porque aprenderemos, por experiência, a confiar a eles cada vez mais tarefas, e aos poucos perdermos nossa aptidão para tomar decisões por nós mesmos. Pense em como, no decorrer de apenas duas décadas, bilhões de pessoas passaram a confiar no algoritmo de busca do Google em uma das tarefas mais importantes: buscar informação relevante e confiável. Já não buscamos mais informação. Em vez disso, nós googlamos”.

Podemos transformar todo esse conhecimento em algo positivo para nós mesmos e para esta sociedade em mudança? Para Bauman (2011), “afinal vivemos na época dos telefones celulares, para não falar do My Space, Facebook e Twitter. Com amigos a gente troca mensagens eletrônicas em vez de visitas, todas os quase todas as pessoas que conhecemos podem ser contatadas on-line”. Precisaremos trabalhar com essa realidade em que as informações sobre nós mesmos e nossos pacientes estarão disponíveis para o algoritmo. Se as informações sobres todos estarão disponíveis, pode o psicanalista acessar a rede do seu paciente? Essas informações e comportamentos virtuais farão parte da clínica? Estabelecido o vínculo com o paciente, como será o relacionamento virtual com este? Todos esses elementos fazem parte da reinvenção da clínica e, diante da fluidez, a verdade é que não há uma resposta única nem correta. A avaliação virá de como o profissional usa, ele mesmo, a rede e como poderá ou não vincular-se dessa forma, dependendo do paciente e de sua permissão para tal.

Diante das inúmeras demandas dos comportamentos, cada vez mais precisaremos nos desvincular da realidade para suportá-la. A ansiedade, a carência e a depressão tendem a aumentar e, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), até 2020 a depressão será a principal doença mais incapacitante em todo o mundo. Isso significa que quem sofre de depressão tem a rotina virada do avesso, deixa de produzir e tem a vida pessoal prejudicada. “Atualmente, mais de 120 milhões de pessoas sofrem com a depressão no mundo – estima-se que, só no Brasil, são 17 milhões. E cerca de 850 mil pessoas morrem, por ano, em decorrência da doença” (Revista Pazes, 2018). Diante desse cenário, a clínica psicanalítica terá que desenvolver mecanismos de atendimento rápidos e eficazes.

Como coloca Freud em *O mal-estar na civilização*, “o mais grosseiro, embora também mais eficaz desses métodos de influência, é químico: a intoxicação, no entanto é possível que haja substâncias na química de nossos corpos que apresentem efeitos semelhantes, pois conhecemos pelo menos um estado patológico, a mania, no qual uma condição semelhante à intoxicação surge sem administração de qualquer droga intoxicante”.

Para Freud (1930), “nossa vida psíquica normal apresenta oscilações entre uma liberação de prazer relativamente e no afastamento da desgraça na busca da felicidade”. Nesse contexto, o uso de substâncias intoxicantes é altamente apreciado como um benefício, seja para alguns indivíduos, seja para alguns povos, os quais concederam um lugar permanente a essas substâncias, proporcionando a busca de uma libido fácil em comparação a outra difícil.

Devemos a tais veículos não só produção imediata do prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que com o auxílio desse “amortecedor de preocupações” é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. As descobertas na bioquímica humana e no funcionamento cerebral deverão ser inseridas na clínica reinventada para que esta possa evoluir e atender às demandas desta nova era

Para Freud, “a distensão do vínculo com a realidade vai mais longe; a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre ele e a realidade interfira na sua fruição (...) À frente das satisfações obtidas através da fantasia, ergue-se a fruição das obras de arte, fruição que, por intermédio do artista, é tornada acessível inclusive àqueles que não são criadores”. Substâncias químicas legais, antidepressivos, ansiolíticos ganharão cada vez mais espaço na sociedade pós-moderna. As redes sociais estão fazendo o papel da ilusão e da fantasia e são um escape da realidade, permitindo a criação de identidades virtuais diversas, com conexões que só existem virtualmente, como o Second Life, que é um jogo, um simulador da vida real, em que o personagem virtual, também chamado avatar ou residente, pode realizar o impossível. É o mais representativo paradigma da modernidade líquida, marcado pelo franqueamento da fronteira entre mundo real e virtual (Forbes, 2007).

Para Bauman (2000), que vê no aspecto líquido aquilo que se molda a forma existente, “a sociedade atual tem a seu dispor um aspecto ‘não localizável’ que se mostra na evasividade, versatilidade e volatilidade”.

No momento em que Freud escreveu a obra *O mal-estar na civilização*, o mundo ainda estava abismado com as impressões fugidias da máquina fotográfica e com a memória possível a ser gravada e as distâncias encurtadas. Hoje, de forma inimaginável, temos uma capacidade de não só captar imagens como de multiplicá-las para o mundo.

Para Freud (1930), “através de sua ciência e tecnologia, o homem fez surgir sobre a Terra, sobre a qual, no princípio, ele apareceu como um débil organismo animal e onde cada indivíduo de sua espécie deve mais uma vez fazer sua entrada como se fosse um recém-nascido desamparado. Essas coisas não apenas soam como um conto de fadas, mas também constituem uma realização efetiva de todos − ou quase todos − os desejos de contos de fadas”.

Freud (1930) nem poderia imaginar aonde o conto de fadas chegaria, nenhum filme avançou tão rápido em seu relato sobre o futuro. “Há muito tempo atrás, ele formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. Atribuía tudo que parecia inatingível aos seus desejos ou lhe era proibido. Pode-se e dizer, portanto, que esses deuses constituíam ideais culturais. Hoje ele se aproximou bastante da consecução desse ideal, ele próprio quase se tornou um deus” No entanto, este homem que quase se tornou um deus está solitário e perdido em sua própria invenção. É assim chegada a hora de reinventar-se a si mesmo e a sociedade, não se reinventar em sociedades virtuais, mas na realidade.

Para Bauman (2017), o conceito freudiano de pulsão é provavelmente uma das descobertas mais importantes da história do pensamento. Não existe nenhum aspecto de realidade humana – quer encaremos do ponto de vista econômico, quer do político, social, cultural etc. – em que este conceito não demonstre sua esmagadora potência epistêmica. Desta pulsão virá a reinvenção em todos os aspectos necessários. A partir daí é que será possível uma reconstrução social que hoje já vem sendo estudada pela futurologia, ciência que estuda o futuro.

Sabe-se que dar conta dessas mudanças sem que o indivíduo se torne neurótico será um grande desafio. Terá de tolerar a frustação que a sociedade lhe impõe e agir a serviço de suas ideias culturais sem que adoeça. No entanto, cabe à clínica lidar com as angústias e neuroses pós-modernas, lidar com o relacionamento virtual, com as imagens capturadas e com a exposição destas. A clínica deve estabelecer novos limites, novos conteúdos e novas ideias que possam acompanhar esse território líquido.

E como reflete Yuval Harari (2018): “Cabe a nós perguntar se um humano mediano terá a energia e a resistência necessárias para uma vida de tantas mudanças. Mudanças são sempre estressantes, e o mundo frenético do início do século XXI gerou uma epidemia global de estresse”. E ainda: “Não sabemos se bilhões de pessoas serão capazes de se reinventar repetidamente sem perder o equilíbrio mental”. Assim, uma das formas de se preparar será não somente a educação, mas também o fortalecimento do indivíduo emocionalmente.

Já para Freud (1930), “nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se abandonássemos e voltassem as condições primitivas. (...) Todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização”. Porém, sabemos que não há como recuar e podemos trazer para a pós-modernidade a reflexão de Lacan (1953): “Que antes renuncie a isso [à clínica psicanalítica], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas, quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas”.

**Conclusão**

Neste trabalho, estabelecemos a reflexão sobre as mudanças que ocorrem na atualidade trazendo como principal eixo de reflexão as obras *O mal-estar da civilização* (Freud, 1930), *O retorno do pêndulo* (Bauman, 2017), *44 cartas do mundo líquido* (Bauman, 2011) e *21 lições para o século XXI* (Harari, 2018).

A partir da leitura dos textos foi feita uma reflexão das mudanças da atualidade e a necessidade de reinvenção. Ficou claro durante a pesquisa que tal reinvenção já está acontecendo, juntamente com a ação. A velocidade necessária se dá diante da demanda da própria mudança. A reflexão pontua assim a reinvenção da sociedade, do indivíduo e da clínica, este tripé que compõe o cenário psicanalítico do ponto de vista de observação e reflexão. A sociedade já está em mudança e não há para esta qualquer tipo de freio possível, O indivíduo tenta acompanhar essa evolução social ao mesmo tempo que a cria. É nesse panorama que a clínica há que se reinventar também.

A pesquisa indicou que o tema já está em pauta e que as mudanças são tantas que se preparar para elas é o melhor que temos a fazer. A autora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, durante a conferência “A psicanálise como revolução do íntimo”, afirmou que a prática [da psicanálise] deve reinventar-se para não correr o risco de desaparecer “em uma era que relegou o psíquico e a palavra para exaltar o químico” e complementa: “Passamos, assim, de uma situação histórica onde a psicanálise oferecia meios para curar sua subjetividade desfeita para um estado globalizado em que o sujeito, convertido em um depressivo, já não quer saber o que se passa em seu inconsciente. Este sujeito pós-moderno reivindica práticas sexuais, experiências individuais e desempenhos, e não uma subjetividade, como pensa a psicanálise: os pacientes de hoje passam trinta anos provando um pouco de tudo, se enchem de terapias e voltam ao divã sem ideia de quem são”.

Nesse contexto, a clínica psicanalítica contemporânea tenta dar respostas a essas e outras questões contemporâneas que levam a humanidade a viver um paradoxo entre as aparências – a exemplo daquilo que se mostra nas redes sociais – e as relações reais.

“Apesar de toda a diversidade da cultura contemporânea, (...) a psicanálise se modificou, acompanhando as mudanças da cultura. Hoje não trabalhamos mais como na época de Freud. Os processos analíticos são mais rápidos. O fundamental da psicanálise agora é que o inconsciente é abordado como um vazio, um furo. Isso significa que as formações do inconsciente mudaram, no entanto o ‘buraco’ continua. O vazio da estrutura do ser humano permanece e é isso que move o mundo”, diz Gilda Vaz Rodrigues, no seu texto “Hoje, a psicanálise” do livro Clínica Psicanalítica Contemporânea.

Para a autora, o que mudou foram as formações do inconsciente. “Hoje, as pessoas têm outras formas de gozo, diferentes da época vitoriana, por exemplo. A gente está vendo terrorismo, estado islâmico. Tem tanta lama que se nota que o ser humano ainda é o mesmo. Isso faz a psicanálise se tornar atual, do contrário ela mudaria da mesma forma que a cultura. A psicanálise tem um objetivo muito específico e ele permanece, o que mudam são as formas de lidar com esse vazio”.

Bauman e Harari são pensadores que já refletem essa contemporaneidade, esse novo indivíduo que nos dias atuais permanece conectado quase cem por cento do tempo e tem acesso a todas as notícias do mundo, sendo afetado diariamente, ainda que inconscientemente, pelo efeito borboleta. Temos de lidar e aprender a reagir a toda essa sorte de assuntos mundiais a que estamos expostos.

Ainda segundo a autora, “o mundo contemporâneo obturou os intervalos de tempo que tínhamos antes da TV, dos celulares, internet, enfim, o vazio que permitia o contato com o mais íntimo de nós mesmos acabou preenchido pela tecnologia. O tempo de esvaziamento se tornou pequeno. Mesmo assim as pessoas estão insatisfeitas porque o núcleo do ser de cada um é onde o sujeito se encontra consigo mesmo. Daí vem a inspiração para amar, trabalhar e sair do automatismo”.

Para Freud, justamente o encontro com o vazio é que faz com que o indivíduo lide com ele mesmo e encontre espaço para o desejo e para gozar a vida. Nesse aspecto, a psicanálise pode ajudar o indivíduo contemporâneo a ter esse espaço e não somente ser reativo àquilo que vai acontecendo em seu entorno, atualmente no mundo todo.

Naturalmente somente Harari poderá acompanhar os próximos anos. No entanto, as incertezas são muitas. É possível que sigamos um caminho o mais materialista, postulado pelo próprio autor na entrevista ao *Diário de Notícias* em 27/5/2017.

“Há mil anos, em 1017, havia muitas coisas que as pessoas não sabiam sobre o futuro, mas podiam ter certeza sobre as características básicas da sociedade humana. Se você vivesse na Europa em 1017, sabia que em 1050 os Vikings poderiam invadir novamente, as dinastias poderiam cair e as pestes ou terramotos poderiam matar milhões. No entanto, era claro para si que mesmo em 1050 a maioria dos europeus ainda trabalharia na agricultura, os homens ainda dominariam as mulheres, a expectativa de vida seria de cerca de 40 anos e o corpo humano seria exatamente o mesmo. Hoje, pelo contrário, não fazemos ideia de como a Europa ou o resto do mundo vai ser em 2050. Não sabemos o que as pessoas farão como trabalho, não sabemos como serão as relações de gênero, as pessoas poderão viver muito mais do que hoje e o próprio corpo humano pode sofrer uma revolução sem precedentes graças à bioengenharia e a interfaces diretas entre cérebro e computador.

Consequentemente, pela primeira vez na história, não fazemos ideia do que ensinar às crianças na escola ou aos estudantes na faculdade. Em 1017, os pais ensinaram aos seus filhos como plantar trigo, como tecer lã ou como ler a Bíblia, e era óbvio que essas capacidades ainda seriam necessárias em 1050. Pelo contrário, a maior parte do que as crianças aprendem hoje na escola será irrelevante em 2050.”

No entanto, ainda é possível que o pêndulo retorne e, como sugere Bauman, haja um maior equilíbrio estre os valores liberdade e segurança, fazendo com que a humanidade desenhe novos contornos e limites para regular a sua existência.

Talvez nada disso aconteça e estejamos diante de um momento disruptivo e de evolução humana para uma nova era que ainda não conhecemos. No entanto, enquanto houver indivíduos como os que conhecemos hoje, será necessário interagir, elaborar, pertencer − tudo o que dá significado à nossa existência.

**Bibliografia**

[BAUMAN, Zygmunt](https://pt.wikipedia.org/wiki/2004). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

[BAUMAN, Zygmunt](https://pt.wikipedia.org/wiki/2004). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi.* Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

[BAUMAN, Zygmunt](https://pt.wikipedia.org/wiki/2004). *Modernidade.*Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

[BAUMAN, Zygmunt](https://pt.wikipedia.org/wiki/2004); DESSAL, Gustavo. *O retorno do pêndulo:* Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

# BRANN, Amy. *Neuroscience for Coaches:* How to Use the Latest Insights for the Benefit of Your Clients. KoganPage, 2014.

CAMERON, Esther; GREEN, Mike. *Gerenciamento de mudanças*. São Paulo: Clio, 2009.

# CULT. A psicanálise deve reinventar-se para sobreviver, diz Roudinesco em conferência na Argentina. 15 set. 2017. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/a-psicanalise-deve-reinventar-se-para-sobreviver-diz-roudinesco-em-conferencia-na-argentina/> > Acesso em 19 maio 2019.

ELLIOTT, Anthony; LEMERT, Charles. The New Individualism: The Emotional Costs of Globalization. London: Routledge, 2006.

FERREIRA, Rodrigo Mendes. *Clinica Psicanalitica Contemporanea*. São Paulo: [Ophicina de Arte](https://www.livrariadopsicologo.com.br/busca-avancada/%2C%2Cophicina-de-arte%2C%2C0%2C0%2C2/), 2015.

FORBES, Jorge. *A psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e seu tratamento*. Opção lacaniana. Disponível em < <http://www.jorgeforbes.com.br/index.php?id=115>> Acesso em 26 maio 2019.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. XXI.

HARARI, Yuval. *21 Lições para o século 21*. São Paulo: [Companhia das Letras](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_das_Letras), 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade Paradoxal*: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Schwarcz, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

# QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: As redes sociais são uma armadilha. Entrevista publicada por *El* País, 8 jan. 2016. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/550727-zygmunt-bauman-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha>> Acesso em 19 maio 2019.

REVISTA PAZES. Até 2020, a depressão será a doença mais incapacitante do mundo, diz OMS. 18 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.revistapazes.com/ate-2020-depressao-sera-doenca-mais-incapacitante-do-mundo-diz-oms/?fbclid=IwAR2IRLxjJZ0UnONnCtqzBeYAeq0g24c8nV5oMwLKAZKq7VMm3pybPMLOuwY>> Acesso em: 19 maio 2019.

SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. Toward a universal psychological structure of human values. Journal of Personality and Social Psychology, v. 53*(3), 550-562.* Set. 1987. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.53.3.550](https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.53.3.550)>. Acesso em: 19 maio 2019.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, João Céu e. Yuval Harari: "Não sabemos o que ensinar aos jovens pela primeira vez na História". *Diário de Notícias*, 27 maio 2017. Disponível em < [https://www.dn.pt/artes/interior/yuval-harari-nao-sabemos-o-que-ensinar-aos-jovens-pela-primeira-vez-na-historia-8486526.html> Acesso em 19 maio 2019](https://www.dn.pt/artes/interior/yuval-harari-nao-sabemos-o-que-ensinar-aos-jovens-pela-primeira-vez-na-historia-8486526.html%3E%20Acesso%20em%2019%20maio%202019).